



A bordadora de Monhos

A cidade de Lucknow vivia com entusiasmo as celebrações do Meethi Id, o festival que assinalava o fim do Ramadão. Pelas ruas do bazar, viam-se vários trajes novos e bancas repletas de iguarias doces e salgadas. Era um mercado famoso pela sua gastronomia, bem como pelo comércio de tecidos e joias de prata.

Mehru, Kamru e o irmão, Azhar Mian, transportavam inúmeras prendas e pratos de folha prensada cheios de petiscos, sentindo-se todos orgulhosos das roupas que estreavam para marcar a ocasião. A *kurta* de Mehru, uma túnica comprida e sem gola, exibia um padrão de flores rosa-escuro, enquanto a de Kamru tinha desenhos de folhagens recurvadas. Quanto a Azhar, sentia-se particularmente feliz com o seu chapéu bordado.

O pai dos jovens, Abbu, geria um negócio de ligação entre os comerciantes do mercado e as bordadoras locais, que trabalhavam a partir de casa. Coordenava a entrega dos tecidos e recebia uma comissão pelo trabalho finalizado.

Uma vez que ganhava dinheiro suficiente, a mulher, Ammi, não precisava de bordar profissionalmente. Enquanto os três irmãos prosseguiam os seus estudos — as raparigas na madrassa e Azhar na escola masculina —, Kamru e Mehru também praticavam o bordado em casa. Como era Abbu quem garantia trabalho às mulheres da vizinhança, o talento das filhas acabava por ser alvo de elogios bastante imerecidos.

De repente, Azhar estacou e disse:

— Estamos a esquecer-nos da nossa terceira irmã, que ficou em casa e não tem nada novo para vestir hoje.

Mehru e Kamru replicaram em coro:

— Mumtaz não é nossa irmã, é nossa prima. E está em casa porque não pode andar! Mas podemos levar-lhe alguns doces, claro.



Os irmãos chegaram finalmente à feira, situada nas margens do rio Gomti. Havia mercadoria para todos os gostos à venda, sendo alguns dos artigos bastante atraentes: pulseiras de vidro brilhante, fitas coloridas, colares, pássaros de barro, animais, soldadinhos e bonecas. Com tanta excitação, os três depressa se esqueceram completamente da prima.

Mumtaz tinha ficado sozinha em casa de Abida, a tia das crianças. Tinha as muletas pousadas a um canto da sala e segurava nas mãos um bordado. Contudo, a sua mente

estava longe dali, mais precisamente em Hardoi, onde a mãe e as irmãs viviam. Perguntava-se se sentiriam tanto a sua falta como ela sentia a delas.

Após a morte do pai, a família enfrentara grandes dificuldades financeiras. Foi nessa altura que a tia Abida tinha sugerido à mãe de Mumtaz que reunisse as mulheres da região para bordarem juntas. Desde então, as bordadoras encontravam-se diariamente num pátio, sentadas em esteiras ou em camas de rede, ouvindo música de rádio enquanto trabalhavam. Mumtaz servia chá às mais jovens, enquanto as mais velhas mantinham as suas caixas de folhas de bétule sempre à mão. Ali, os mexericos eram mais quentes do que o próprio chá, e o trabalho só parava ao cair da noite, quando as mulheres guardavam os bordados e regressavam a casa para preparar o jantar para os homens que em breve voltariam do trabalho.

Entretanto, os tecidos bordados eram recolhidos por Abida, que os enviava ao pai de Kamru e Mehru. Este, por sua vez, enviava de volta o dinheiro correspondente ao pagamento e mais tecido para bordar.

Recentemente, Mumtaz tinha sido enviada para Lucknow com a tia para aprender uma nova técnica de bordado, que depois ensinaria às mulheres em Hardoi. Apesar da distância de casa, Mumtaz encontrava conforto na companhia dos seus animais: o papagaio Munia, e os pombos Lakka e Lotan.



As três aves eram muito talentosas. Lakka conseguia voar a grandes altitudes, Lotan era um acrobata e dançarino exímio, e Munia tinha o dom de imitar vozes humanas. Mumtaz passava o tempo a desafiar Munia para que esta a imitasse, e, enquanto bordava, os pombos faziam as suas acrobacias e bicavam o milho que ela lhes oferecia; depois, levantavam voo, regressando apenas quando queriam mais.

Mumtaz fez novos amigos em Lucknow. Um deles era Munnu, um rapaz de oito anos, filho do vendedor de legumes, com quem partilhava a comida todos os dias ao

mesmo tempo que viam Lakka e Lotan a brincar. No dia do festival, enquanto observavam os pássaros, Munnu reparou que Mumtaz estava quase a chorar e perguntou-lhe:

— Porque estás triste? Tens saudades de Hardoi? Há lá muitas aves?

— Não, não há — respondeu Mumtaz. — Mas a minha mãe e as minhas irmãs, Rehana e Salma, estão lá.

E pegou de novo no bordado.

— Quem te ensinou esse tipo de bordado? — perguntou o rapaz.



— O *chikankari* já está na nossa família há três gerações. Aprendi com a minha mãe, que aprendeu com a mãe dela. A minha avó nasceu numa terra famosa por esta arte de bordar tecido branco com fio branco, e contava-me muitas histórias sobre homens e mulheres poderosos, e sobre o palácio das doze portas. Cozinhava refeições deliciosas e usava sempre um *chador* branco, uma veste que lhe cobria todo o corpo, deixando apenas o rosto à mostra. Ainda o guardo comigo. Desde que me lembro, sempre vi a minha mãe a bordar.

A cara de Mumtaz alegrou-se, à medida que falava destas recordações.

— A tua mãe nunca saía? — admirou-se Munnu.

— Só às vezes, para ir à mercearia ou para visitar familiares. Mesmo as minhas irmãs não saem com frequência e, quando o fazem, usam sempre um lenço. A minha mãe usa uma *burca*, uma veste que lhe cobre todo o corpo, incluindo o rosto. As minhas irmãs nunca foram à escola, mas eu pude estudar até ao oitavo ano. Depois disso, fiquei em casa a aprender a bordar com elas.

— Então foste à escola! — exclamou Munnu, que nunca tinha frequentado uma sala de aula porque o pai precisava da sua ajuda na loja.

— É verdade, sou uma das poucas bordadoras que sabem ler e escrever. Como a minha mãe nunca aprendeu, não conseguia calcular quanto lhe deviam pagar pelos

bordados. No início, só a ajudava com as contas; mais tarde, precisámos de mais dinheiro e comecei também a bordar.

Mumtaz calou-se por um instante e confessou baixinho:

— Tenho tantas saudades dela. Às vezes, choro a noite inteira.

Munnu, querendo muito alegrar a amiga, mudou de assunto:

— Costumas sonhar à noite?

— Sonho, sim. Sonho que voo, tal como os meus pombos, e que viajo para muitos sítios. Talvez um dia consiga encontrar a minha avó...

— Vai buscar *o chador* da tua avó, que eu mostro-te um truque — disse Munnu com determinação.

O rapaz falou-lhe, então, de um mágico que tinha encontrado nas suas viagens com o pai. Embora velho e doente, Chand Pasha tinha ensinado a Munnu um truque fabuloso que ele queria partilhar com a amiga para a animar. Mumtaz foi buscar o *chador*, a última prenda que recebera da avó, e que esta bordara com as próprias mãos. Era uma peça belíssima, na qual até os pontos mais minúsculos eram perfeitos. Munnu disse:

— Fecha os olhos e agarra uma das pontas do *chador*, que eu agarro a outra. Depois respira fundo e formula um desejo.



Mumtaz desejou voar bem alto, para poder visitar terras novas e conhecer pessoas diferentes. Lotan e Lakka também seguraram cada um na sua ponta do *chador*,

para que todos pudessem levantar voo. Voaram até uma terra longínqua, onde as montanhas e o céu eram de um azul profundo, e onde havia milhares de pássaros. Lá em baixo, a paisagem revelava um vale verdejante, repleto de árvores de fruto e de jardins em flor. Lotan e Lakka aterraram, finalmente, junto a um lago de águas cor de turquesa.



Junto ao lago, um grupo de homens vestidos com túnicas quentes bordava xales de lã com agulhas finas. Os desenhos inspiravam-se na paisagem que os rodeava: flores coloridas, folhas e pássaros. O mais velho entre eles, Khurshid, cumprimentou Mumtaz e perguntou-lhe de onde vinha.

— Venho de Lucknow e sou bordadora de *chikankari* — respondeu a rapariga.

Khurshid mostrou-lhe o trabalho que tinha em mãos:

— Como vês, consegui reunir todos os pássaros e flores de Caxemira neste xaile. E, tal como o *bulbul*, uma ave que consegue ver em todas as direções, este ponto parece igual, quer o olhemos do direito ou do avesso.

Com a ajuda do velho bordador, os dedos ágeis de Mumtaz aprenderam depressa o novo ponto. Enquanto partilhavam chá quente e pão fresco, Khurshid contou-lhes que,

muitos anos antes, os artesãos de Caxemira tinham viajado até à corte de Lucknow para aprender a arte do *chikankari*.

Algum tempo depois, os pombos regressaram e todos voaram de volta para Lucknow. Antes que se dessem conta, estavam de novo em casa da tia Abida. Mumtaz, com a mente a fervilhar de padrões, entregou-se ao trabalho. Em poucos dias, criou uma *kurta* maravilhosa, repleta de pássaros, flores e folhagens. No centro de cada desenho, destacava-se o pequeno *bulbul*.



Quando as outras mulheres viram a peça, ficaram maravilhadas com a beleza do bordado e a imaginação dos desenhos. Mas, em vez de ficarem contentes com o talento da prima, Mehru e Kamru ficaram cheias de ciúmes. Mehru exclamou:

— Como conhece ela aqueles desenhos tão bonitos? Nunca vai a lado nenhum, nunca vê nada, mas consegue bordar motivos maravilhosos com cores deslumbrantes.

— Deve haver uma forma de a impedir de receber tantos elogios — disse Kamru.

As irmãs decidiram arquitetar um plano. Uma noite, quando Mumtaz tinha ido alimentar Lakka e Lotan, Mehru escondeu todo o tecido colorido que tinha sido entregue à prima e deixou-lhe apenas tecido branco. Também lhe tirou os fios de cor, dizendo para consigo: “Vamos ver se agora a elogiam!”

No dia seguinte, Munnu encontrou Mumtaz sentada junto dos pássaros, com um semblante triste. A rapariga contou-lhe que só tinha pano branco para trabalhar, e que o branco era a cor mais difícil de todas, pois sujava-se muito facilmente.

— E que desenhos posso criar sem fios de cor? — perguntava a rapariga, desalentada.

— Anima-te! — disse Munnu. — Segura no *chador* da tua avó e concentra-te. Vamos ver que terra mágica vais visitar hoje.

Desta vez, viajaram até um país sem cor. Naquela terra ancestral, as pessoas deslocavam-se em belas carruagens. Curiosamente, todos se vestiam de um branco suave e radioso, com roupas adornadas por bordados belíssimos.

Debaixo de uma amargoseira, junto a uma estrada larga, Mumtaz avistou a avó. Gritando de alegria, correu para os seus braços. A avó abraçou-a e, percebendo a sua angústia, explicou:

— Não fiques triste, minha neta, pois o pano de cor não serve para fazer o verdadeiro *chikan*. Antigamente, o bordado feito com linha branca sobre tecido branco destinava-se apenas às vestes dos homens. Quando as mulheres também passaram a usá-lo, começou a ser bordado em todo o tipo de tecidos. Mas a prova do talento de uma verdadeira bordadora será sempre o bordado feito com linha branca sobre tecido branco.



Quando regressou a Lucknow, Mumtaz começou a bordar flores apenas com fio branco. Eram desenhos que lembravam as mangas de Hardoi e as amêndoas de Caxemira. No meio de arbustos em flor, a rapariga bordou um pavão majestoso. Parecia um *chador* mágico!

Todos ficaram maravilhados com a sua criação. Comerciantes e artesãos não falavam de outra coisa senão dos bordados finos da jovem de Hardoi. O sucesso foi tal que algumas senhoras influentes foram a casa da tia Abida para pedir emprestadas as peças de Mumtaz, a fim de as incluírem numa grande exposição que estavam a organizar.



Mas o sucesso de Mumtaz apenas alimentou o rancor de Kamru e Mehru, que continuavam a pensar em formas de impedir que a prima se tornasse famosa. Como os desenhos são habitualmente marcados no tecido com tinta lavável, e o tecido tem de ser lavado depois de o bordado estar feito para remover esses vestígios, as primas recusaram-se a arranjar tecido marcado para Mumtaz. Contudo, nem isso a deteve. A mente de Mumtaz estava tão cheia das maravilhas que vira nos seus sonhos que já não precisava de marcas nenhuma.

Um dia, chegou a notícia de que o *chador* de fio branco que Mumtaz criara ganhara um prémio, que seria entregue numa cerimónia oficial na Câmara de Lucknow. Sem qualquer rancor, Mumtaz pediu às primas que a acompanhassem. A alegria genuína de Mumtaz fê-las sentir um profundo embaraço pela sua maldade.

Na cerimónia, Kamru e Mehru observaram, maravilhadas, o respeito com que todos tratavam Mumtaz, e algumas pessoas chegaram mesmo a felicitá-las por terem uma prima tão talentosa. Quando chegaram a casa, Kamru não resistiu a perguntar:

— Onde foste buscar todos aqueles desenhos maravilhosos?

Mumtaz ficou em silêncio por uns instantes. Depois, sentindo que devia partilhar a sua sorte, sorriu e convidou a prima a segurar numa das pontas do *chador* e a concentrar-se. Kamru assim fez, fechando os olhos com força. Contudo, por mais que tentasse, só conseguia ver Munnu, Lakka e Lotan a fazerem as acrobacias do costume...

A bordadora de sonhos

1. Em que cidade decorriam as celebrações do Meethi Id, e que ambiente se vivia nas ruas nesse dia?
2. A atividade de Abbu estava relacionada com o trabalho das bordadoras locais. De que forma?
3. Por que razão não acompanhou Mumtaz os primos à feira?
4. Como funcionava o grupo das bordadoras de Hardoi, e que contributo iria ela dar para o trabalho delas?
5. O que é o *chikankari*, e quem ensinou essa arte a Mumtaz?
6. Que papel desempenhavam as aves na sua vida quotidiana?
7. Quem era Munnu, e o que fez para animar a amiga?
8. O que aconteceu quando Mumtaz segurou o *chador* da avó e desejou voar?
9. Khurshid ensinou-lhe uma nova forma de bordar. Em que consistia?
10. Que plano arquitetaram Mehru e Kamru para prejudicar a prima, e qual foi a reação desta?
11. O que fez Mumtaz quando ganhou um prémio pelos seus bordados? O que revela essa atitude sobre o seu carácter?
12. Na tua opinião, por que motivo Kamru, quando segurou numa das pontas do *chador*, apenas conseguiu ver as acrobacias habituais dos pássaros?